

Warped: Gay Normality and Queer Anti-Capitalism

PETER DRUCKER

Leiden/Boston: Brill, 2015. 446p.

Murillo van der Laan* e Rafael Dias Toitio**

Em *Warped: Gay Normality and Queer Anti-Capitalism*, Peter Drucker mobiliza um vasto conjunto de reflexões filosóficas, históricas, sociológicas, antropológicas, econômicas etc. para delinear um impressionante quadro interpretativo das relações de gênero e sexualidade ao longo do desenvolvimento do capitalismo. E faz isso oferecendo uma rica análise materialista e histórica da sexualidade e de suas formas “pervertidas”, no intuito de contribuir para a fundamentação teórica de um radicalismo LGBT renovado e anticapitalista. Drucker apropria-se criativamente de reflexões e categorias marxistas, ao mesmo tempo que dialoga de maneira criticamente receptiva com as contribuições do feminismo socialista e de autores como Herbert Marcuse, Michel Foucault e Gayle Rubin.

Ao lado da mobilização inovadora de categorias do marxismo como reificação, totalidade social e desenvolvimento desigual e combinado, Drucker apresenta ainda o que chama de *formação de mesmo sexo* [*same-sex formation*]. Esta é definida como a “hierarquia específica de diferentes padrões de mesmo sexo [*same-sex patterns*] (como os padrões transgênero, intergeracional e lésbico/gay) na qual um padrão é culturalmente dominante” (p.41). As formações de mesmo sexo devem ser entendidas de modo articulado às relações de produção, de forma que cada

* Doutorando em Sociologia pela Unicamp. E-mail: murillovanderlaan@hotmail.com

** Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. E-mail: rtoitio@yahoo.com.br

formação de mesmo sexo ocupe um lugar específico em um determinado modo de produção ou em um certo momento histórico.

Sendo o capitalismo também um modo generificado de produção, Drucker argumenta que as mudanças no regime de acumulação implicam também novas relações de gênero e estruturas familiares que, por sua vez, impactam nas formas de sexualidade. Não há, entretanto, uma sincronia direta entre os padrões de acumulação capitalista, a reprodução generificada e as mudanças da sexualidade, mas determinações que se consolidam de modo desigual ao longo do tempo.

O livro apresenta um prólogo no qual o autor comenta as diversas formas pré-capitalistas de relações entre o mesmo sexo, reunidas sob o título “Antes da homossexualidade” [Before Homosexuality]. Perpassando brevemente um conjunto muito amplo de análises, Drucker observa que, entre as diversas manifestações pré-capitalistas das relações de mesmo sexo, destacam-se alguns pontos comuns: 1) não se baseavam em uma relação binária homo/hétero; 2) possuíam conexões com relações de parentesco e com o domínio dos homens sobre as mulheres; 3) eram fortemente determinadas por elementos transgêneros e intergeracionais, que seriam hoje considerados como *queers*.

No capítulo “Imperialismo e inversão”, Drucker apresenta a emergência, em meados do século XIX, da relação binária homo/hétero, que assume uma forma clara no período do imperialismo clássico. Trata-se de uma época marcada pela “expansão imperialista, emergência do racismo pseudocientífico, invenção do salário-família da classe trabalhadora, da celebração do romance heterossexual, da primeira onda do feminismo e da medicalização da sexualidade” (p.99). Nesse contexto, em especial a partir da mobilização de um discurso científico voltado para os comportamentos de gênero e da sexualidade, emerge um novo regime de mesmo sexo que Drucker designa como de dominância da inversão. A despeito da homossexualidade já aparecer e, cada vez mais, consolidar-se, sobretudo na classe média, as relações de mesmo sexo eram ainda percebidas, inclusive pelos próprios sujeitos, a partir da ideia de inversão sexual e de gênero.

No capítulo “Fordismo e identidade gay”, ele analisa como se consolidou durante o pós-Segunda Guerra o regime de mesmo sexo de dominância gay/lésbica. Este dependeu do desenvolvimento do regime de acumulação fordista nos países imperialistas, que foi marcado pela elevação dos salários e pelo estado de bem-estar social. Esse período, ademais, testemunhou os processos de descolonização, a formação de uma nova militância negra, do feminismo da segunda onda e a disseminação de uma sexualização ligada a uma determinada cena comercial. Foi esse o contexto que permitiu a emergência de pessoas e organizações que, a partir dos anos 1950, reclamaram uma identidade gay. Iniciou-se aí a separação entre as identidades gay e transgêneras que, mais tarde, irá marginalizar estas últimas.

Em “A política sexual do neoliberalismo”, é feita uma análise sobre a dimensão política da normalidade gay, discutindo a constituição de tendências de direita entre gays e lésbicas, que ganharam impulso mais recentemente. Em seções separadas,

o autor retoma a origem e a dinâmica da direita homofóbica e fundamentalista, analisa a formação de um novo direito gay nos marcos do neoliberalismo, problematiza o liberalismo social e a centro-esquerda gays que, em grande medida, fizeram as pazes com o neoliberalismo, e discute sobre a esquerda radical que ainda não conseguiu apresentar uma alternativa à normalidade gay ou uma que a ligasse à resistência *queer*. Por fim, há uma análise sobre algumas características do radicalismo *queer*, que cresceu desde os anos 1990 e que também contribuiu para perpetuar sua marginalidade política, inibindo o desenvolvimento de um anticapitalismo *queer* mais amplo.

A última parte é a aquela em que Drucker procura, com maior afinco, desenvolver uma análise que contribua para a formação e/ou o fortalecimento desse anticapitalismo *queer* e de uma “política global do arco-íris”. Assim, no capítulo “Rumo a uma política sexual *queer*”, ele procura mapear os elementos que podem subverter os eixos que caracterizam e constituem a normalidade gay neoliberal, tais como: o rompimento dos limites colocados pelas normas de gênero, a perversidade polimorfa, os movimentos trans e de juventude, a solidariedade global e antirracista, o poliamor, a intimidade e domesticidade *queer*. Contudo, uma política sexual *queer* não pode se constituir como uma ação individual nem ficar circunscrita às mudanças na cultura. Ela precisa voltar esforços para desafiar e conquistar o poder onde ele se concentra, como no Estado e na economia, na medida em que o cultural e o pessoal não existem em um reino separado.

No último capítulo, “*Queerizando* movimentos mais amplos”, Drucker reflete sobre as experiências e a perspectiva de *queerizar* outros movimentos sociais. Como uma política sexual *queer* precisa se aliar a uma transformação social maior, ele afirma que o anticapitalismo *queer* precisa de aliados. Mais do que isso, os movimentos sociais de classes e outros precisam ser *queerizados* no intuito de atender às necessidades básicas da população LGBT, como moradia e segurança, ou mesmo independência para jovens *queer*. Com alvo na necessidade de se constituir uma esquerda *queer*, o autor vai discutir os caminhos para também *queerizar* os movimentos por justiça global e antiglobalização; além do sindicalismo que, por sua vez, precisa se abrir para as pessoas *queer*, valorizar a liderança delas e abordar suas questões no interior das organizações e das lutas. O autor defende, por fim, uma visão de democracia *queer* que seja capaz de incluir todos aqueles que a democracia neoliberal hoje elimina.

A obra ousa em distanciar-se, com isso, tanto de um certo tipo de marxismo, que tende a negar ou diminuir o peso das relações constituídas em torno da sexualidade na formação social e o caráter político das lutas LGBT, quanto da ampla maioria dos estudos de gênero que, ao contrário, tende a ocultar ou mesmo rejeitar a questão das classes sociais e das relações econômicas, considerando a sexualidade e o gênero como questões “meramente” culturais. O livro, nesse sentido, aprofunda um debate em construção no Brasil: a relação entre sexualidade e capitalismo a partir de uma perspectiva crítica e politicamente comprometida com a transformação e a “emancipação” social.